

O Corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês)

The body as mediator on orality appropriation in foreign language (French)

Eduardo Dias da Silva

Resumo: Este artigo, qualitativa de modalidade documental, situado no campo da Linguística Aplicada (LA), tem como objetivo analisar e encorajar as práxis do uso do corpo como mediador da apropriação de oralidade de Língua Estrangeira (LE) (Francês) em ambientes de ensino-aprendizagem e propiciar mais um referencial teórico multiplicador do fazer para os professores de línguas. Apresenta-se o corpo nos debates sobre interação e aprendizagem de LE. Outra pretensão é a de inserir nas reflexões aqui expostas o papel do corpo que é alvo de análises para melhor entendimento sobre o processo de apropriação da oralidade ou práticas orais no ensino-aprendizagem em LE.

Palavras-chave: Corpo; Apropriação da oralidade; Língua estrangeira.

Abstract: This is a qualitative, documental and interpretative, article on Applied Linguistics (LA) area that aims to analyze and encourage the praxis of using body as mediator in orality appropriation of a Foreign Language (LE) (French) in a teaching-learning environment. In addition, the article provides a multiplying theoretical framework on language teachers' practices. The body is presented in the debates on interaction and learning of a LE. Another claim of this article is to include the body role exposed here that is analyzed for a better understanding of orality appropriation process or oral practice in teaching-learning process of a LE.

Keywords: Body and voice; Orality appropriation; Foreign language

Introdução

A interação com o corpo para apropriação da oralidade em Língua Estrangeira (LE) evidenciado nos debates sobre o ensino-aprendizagem e a relação do sujeito e o corpo e como este é percebido na apropriação, de acordo com Orlandi (2002; 2012), Massaro (2001; 2007; 2008), Rodrigues (2007), Reis (2008; 2011) e Pierra (2006), são

SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

o foco deste artigo elaborado através de uma pesquisa qualitativa de modalidade documental.

A oralidade, entendida neste estudo de acordo com Meshonnic (2010), não pode ser compreendida separadamente dos conceitos de discurso, subjetividade e ritmo. Contribuindo com a definição de oralidade defendida por esse autor, reputam-se os estudos de Reis e Ferreira (2012) quanto ao ensino-aprendizagem de uma LE ao elucidarem que

esses elementos interligados desempenham um papel preponderante na forma de vislumbrar o discurso como uma organização do sentido pelo sujeito através do ritmo, em outros termos, a apropriação da oralidade passa a ser o encontro com uma linguagem que atravessa o sujeito e que se dá por um discurso que é organizado por um ritmo (2012, p. 366).

A oralidade, então, passa a ser vislumbrada como estreitamente ligada à subjetividade e ao ritmo, tomando-se a definição de ritmo enunciada por Meschonnic (2010), ou seja, como movimento de enunciação e como marca da subjetividade.

Já Pierra elucidada: “penso primeiramente com o corpo, a voz vem em seguida” (2006, p. 97), fazendo tal observação quanto ao uso de expressões gestuais (movimentos e posicionamentos de mãos e braços, inclinações de tronco) que caracterizam cada língua, remetendo a diversas interpretações e compreensões da intencionalidade do sujeito (professores e aprendentes¹). É pela reflexão sobre o lugar que o corpo ocupa, sob o ponto de vista da Filosofia e da História que se pretende, então, chegar ao ponto singular do presente trabalho que é o corpo formatado pelo outro em LE.

Corpo

¹O termo *aprendente* é aqui utilizado em referência ao sujeito que aprende, pois a aprendizagem é uma construção individual e interna, realizando-se num processo histórico, pessoal e social, dentro de um corpo investido de significação simbólica. As experiências, as relações e as percepções do mundo no qual foram inseridos serão (re)significativas na construção do seu sistema cognitivo e afetivo e em seu desenvolvimento.

SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

Ao colocar o corpo como parte singular neste artigo, não seria plausível deixar de lado os comentários sobre a sua posição ao longo da história. O conceito de corpo, é sabido, percorreu a história da Ciência e da Filosofia, sendo assim, um conceito aberto. A oposição “corpo e alma”, “corpo e espírito” ou ainda “corpo e mente” nunca foi completamente resolvida. De Platão a Bergson, passando por Descartes, Espinoza, Merleau-Ponty, Freud, Marx, entre tantos outros, a definição de corpo sempre se apresentou como uma incógnita.

Criando um ponto de partida nessas considerações e dentre os pensadores supracitados, é de se destacar René Descartes (1596-1650), pois as maneiras pelas quais se pensa e se concebe o mundo atual têm forte influência desse filósofo. A noção de sujeito e da subjetividade, que ainda hoje permanece nas relações cotidianas, foi elaborada no cartesianismo, com a ideia do “penso, logo existo”. Assim, segundo Rodrigues (2007),

a imagem de subjetividade humana legada pelo cogito cartesiano domina o pensamento ocidental por vários séculos. De acordo com essa imagem, a existência do sujeito é idêntica ao pensamento. O sujeito se coloca como a origem daquilo que diz, é a fonte exclusiva do sentido do seu discurso. A relação entre um ser interior que pensa e um exterior do qual o ser pensante está separado é uma relação de identidade. A identidade desse sujeito racional, reflexivo, senhor do comando do pensamento e da ação, que fundou a modernidade filosófica, foi, de fato, tão fortemente marcado que seus pressupostos atravessaram as filosofias kantiana, hegeliana, fenomenológica e até a existencialista (2007, pp. 17-18).

O sujeito é, portanto, se assim é possível afirmar de acordo com as nossas leituras de mundo, o fundamento do pensamento atual e liberal de democracia existente hoje; o sujeito está no centro da própria ideia atual de Educação.

Descartes (2001) definiu o humano como a mistura de dois eixos distintos: de um lado, o corpo – objeto de natureza como outro qualquer –; de outro lado, o eixo imaterial da mente pensada, cujas origens, segundo ele, só poderiam ser divinas.

SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

Contudo, esse filósofo não encontrou explicações para as ligações entre os dois eixos. Para ele, apenas a mente, sinônimo de consciência, de alma e definidora do eu, daria expressão à essência humana, da qual o corpo está excluído. Na noção de sujeito universal, herdado do cartesianismo, não há lugar para o corpo. O que se tem, na verdade, é um conceito no qual a carne e o corpo só servem como meio de individualização, envelopados pela pele e timbrados pelo rosto.

Nas últimas décadas, o mencionado conceito começou a perder seu poder de influência para ser, sumariamente, questionado nas mais diversas áreas das ciências humanas. Nas rubricas *crise do eu* ou *crise da subjetividade*, criticando-se e rejeitando-se a definição de um sujeito universal, estável e unificado. Logo, a inserção dos múltiplos olhares sobre um sujeito complexo, instável e imprevisível advinda da interação linguagem, cultura, poder e corpo, é percebida em Rodrigues, que assim o define:

compreendemos que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura, fora das relações de poder. Diante disso, no lugar dos antigos “sujeitos”, proliferam novas imagens de subjetividade, fala-se de subjetividade distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, situada etc. (2007, p. 19).

Na pesquisa relatada neste artigo, considera-se a subjetividade como inscrita na superfície do corpo e produzida pela linguagem. Para tanto, deve-se abandonar um pouco o espaço privado e intransferível dos entendimentos individuais para adentrar nos cruzamentos e interposições que marcam a interação sociodiscursiva com o outro. Não há corpo que esteja investido de sentidos e que não o seja de um sujeito que se constitui por processo no qual “as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma como este corpo se individualiza” (Orlandi, 2012, p. 93) e se completa na interpretação do outro, dando margem para uma intersubjetividade de corpos.

Considerando a materialidade do sujeito, o corpo significa. Em outras palavras, a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito. Ou seja, não se pode pensar a materialidade do sujeito sem pensar na relação com o corpo e a interação social, incluída aqui a percepção do outro sobre o(s) corpo(s). A menção a *corpos* está relacionada aos dos participantes (professores e aprendentes) na interação em LE pela mediação no ensino-aprendizagem da oralidade espontânea e autônoma.

Há também a materialidade do texto teatral que é percebida nos corpos e nas vozes dos participantes como verdadeira forma de apropriação de oralidade e expressão da subjetividade. Vale observar a concepção de Pierra sobre isso:

a materialidade do texto acontecerá na materialidade dos corpos e vozes que produzirão um efeito emotivo graças à apropriação e à percepção singulares de cada participante, testemunho de uma verdadeira subjetividade colocada em prática a partir da limitação dos textos que podem fixar os limites entre o escrito e sua interpretação. Para “entorpecer a audição e a visão” como sugerido por Hamlet a seus atores pela voz de Shakespeare² (2006, p. 74).

A percepção e a apropriação do oral em LE passam pelos elementos/instrumentos texto teatral e corpo(s) através das trocas de linguagem dos participantes (professores e aprendentes), dando voz às suas interpretações (leitura) de mundo, ou seja, suas subjetividades que na interação com o outro, texto teatral, corpo e voz permitem um encontro de subjetividades. Tal encontro tem “a palavra que implica o sujeito que fala, que se entrega ao falar e que implica o sujeito que escuta na apropriação da oralidade”, conforme Reis (2011, p. 219), criando a intersubjetividade.

É indispensável que os participantes se conscientizem do que se pode produzir visualmente pelos seus movimentos (seus corpos) e auditivamente pela voz que modula as palavras do texto teatral. Para isso, é preciso que se possam escolher expressivas

²« *La matérialité du texte s'inscrit dans la matérialité des corps et des voix qui produiront un effet émotionnel grâce à l'appropriation singulière de chacun, témoignage d'une véritable subjectivité mise en oeuvre à partir de l'écriture et de son interprétation pour "stupéfier l'ouïe et la vue" ainsi que le recommandait Hamlet à ses comédiens par la voix de Shakespeare.* » (tradução nossa)

SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

peçoais convincentes que testemunhem uma subjetividade que afirma sua própria linguagem, indo ao encontro de Ubersfeld (1996, p. 19), que concebe “a natureza estética da palavra dos textos teatrais passando pelas vozes e pelos corpos para que eles mesmos sejam vozes (leituras) do texto teatral”.

Contrariando a concepção de corpo como propriedade privada de cada um, Rodrigues (2007, p. 22) destaca que “o nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar”. Ele pertence ao universo simbólico que se habita. O corpo, neste sentido, é formatado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído e a linguagem é interação, tensão constante e complexa entre um *eu* e um *outro*.

Com base em tais argumentações, privilegia-se o corpo mais como objeto social; em outras palavras, o corpo formatado pelo *outro*, não apenas em Língua Materna (LM), mas também em LE. Corpo inscrito em uma sociedade que, de acordo com Tavares (2010), está

caracterizada pela descontinuidade, por um processo permanente de rupturas e de novas configurações. Essas múltiplas configurações produzem divisões e antagonismos sociais que demandam que o sujeito ocupe diferentes posições e que sua identidade sofra contínuos ajustes e reformulações (2010, p. 34).

Importante mencionar que corpo e sujeito estão inseridos numa sociedade hoje alcunhada de *modernidade líquida* (Bauman, 2001), aquela em que alguns elementos são diluídos, deixando simplesmente de existir, sendo necessário recorrer a fragmentos, fatos e *cacos* da história para dar sentido à materialidade do corpo e à representação do sujeito pelo corpo na interação social mediada pela linguagem.

Assim, o trajeto de dar sentido ao corpo começa com aquele se habita em LM, pois se eu possuo um corpo, nada melhor do que ele para responder às minhas questões. A primeira tarefa é rememorar as próprias experiências de interação e aprendizagem, não somente aquelas ligadas à LE. Pede-se, dentro do contexto de ensino-aprendizagem de LE, aos participantes (professores e aprendentes) que façam o mesmo, ou seja, SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

tentem se lembrar do aprendizado de algumas atividades aprendidas/adquiridas durante sua vida. Por exemplo, como aprendeu a escrever? E a comer ou brincar?

Há duas conclusões nas quais é possível crer que o corpo ajude o acesso à LE e a todas as outras atividades humanas: a) para interagir é preciso ter corpo, pois é impossível aprender algo sem o corpo; e b) para interagir é preciso que o corpo esteja em contato com o mundo. Segundo este raciocínio, pode-se dizer que para interagir e aprender o sujeito necessita de um corpo e do mundo a sua volta.

Assim, Rodrigues, compartilhando também dessa visão, tenta compreender cada um dos dois conceitos mencionados acima e adentra também no corpo visto pela Psicanálise, conceituando que

o corpo é um complexo organismo dotado de inúmeros órgãos governado por um cérebro todo poderoso. Este cérebro é governado por uma consciência, um ego, um sujeito, um ser que controla as ações do corpo [...] [e] para a aprendizagem acontecer é preciso haver o mundo, mas de que forma aprendemos o mundo? Entendemos que o aprendizado do mundo pelo homem está dividido em dois momentos distintos: o primeiro antes da palavra e o segundo depois da palavra. O primeiro se caracterizaria por um aprendizado pautado pelos sentidos, o segundo, marcado pela entrada das palavras, portanto pelo simbólico. [...] O corpo humano, nos diz a psicanálise, é um corpo pulsional, mas também um corpo simbólico. O corpo é antes de tudo e principalmente um corpo olhado pelo outro. O eu se forma inevitavelmente através do olhar do outro, é o outro que possui sua imagem (2007, p. 24).

O corpo, longe de se restringir à sua natureza físico-fisiológica, avança para o psíquico devido ao fato cabal de que o ser humano é um animal que fala. O sujeito é, portanto, atravessado pelo simbólico. No caso da linguagem, ao contrário dos outros instrumentos que são elaborados pelo indivíduo à proporção de suas necessidades, ela já está elaborada e a apropriação do simbólico e da língua, via percepção do outro, é mencionada em Rodrigues ao inferir que

nascemos num mundo onde o simbólico e a língua nos constitui e orienta grande parte de nossas vidas. A apropriação da língua e do simbólico, SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

entretanto, depende do outro. O indivíduo necessita se apropriar da língua e adaptar-se a um grande número de regras sociais que lhe são inerentes (2007, p. 24).

Tal processo possui um preço. O simbólico, embora poderoso na função mediadora dos laços sociais, não passaria de uma maquinaria moderada, se não fosse o imaginário para preenchê-lo com conteúdos, mas os conteúdos são ilusórios e não param de acenar com promessa de uma completude que se torna impossível.

É, portanto, da interação do corpo com o mundo antes e depois da palavra que surge a consciência no sujeito. Desde princípios gestuais básicos até as mais complexas formas de interação no mundo o corpo não para mais de aprender e o aprendizado só se encerra com a morte do corpo. Logo, todas as impressões, sensações, intuições sobre o que quer que seja do mundo lá fora passam pelo instrumento chamado corpo e assim o ensino-aprendizagem de uma LE perpassa por ele também.

Para dar voz ao corpo e corporeidade à voz, percebe-se a importância desse tópico de análise na pesquisa em curso, pois, conforme Reis, “no momento em que faltam palavras é que entra em jogo o trabalho da voz e do corpo, acompanhados do trabalho de escuta mútua, que juntos podem auxiliar no desbloqueio da expressão” (2008, p. 53).

Expressão essa que ajuda o aprendente a se comunicar em LE, apropriando-se de maneira espontânea e real da oralidade em LE mediada pelo corpo. Como foi dito, a oralidade está aqui definida de acordo com o que defende Marcuschi:

uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora, ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (2010, p.25).

Na presente pesquisa, a oralidade, pautada no contexto do ensino-aprendizagem de LE, parte da visão da Abordagem Comunicativa (AC). Assim, ela é

explicitada como elemento crucial de um contexto de aprendizagem comunicativa. Para desenvolvê-la, é preciso considerar a língua em seu uso real, tratando-a como mecanismo de emissão que se faz consciente de uma recepção e da sua adequação para a construção de determinado sentido para tanto utilizando o corpo.

Outro ponto importante no uso do corpo na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de LE é levantado por Massaro ao relatar que

[...] propondo justamente práticas [...] teatrais que, fazendo explorar recursos expressivos da voz (linguagem não articulada) e do corpo (linguagem não verbal), diminuiriam os inconvenientes para a comunicação causados pelo nervosismo e/ou timidez (2008, p. 132).

Os inconvenientes e obstáculos no uso do corpo como mediador da apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de LE também são elencados por Pierra (2006). Entretanto, conforme a autora, eles poderão servir de motivadores para superar, inicialmente, o bloqueio de se comunicar oralmente em LE em relação à falta da “palavra certa” e ao medo de errar. Acredita-se que superar esses inconvenientes e obstáculos pode levar a uma desinibição e uma liberação gestuais que, para Massaro (2001; 2007; 2008) e Reis (2008; 2008), vão facilitar, cada vez mais, a iniciativa com que os aprendentes possam se aventurar em seus turnos de falar, o que vai favorecer a apropriação da oralidade em LE.

Considera-se que a apropriação da oralidade via corpo, no ensino-aprendizagem da LE, precisa contemplar o que Dolz; Schneuwly (2011, p. 132) apresentam como o “aspecto aparentemente caótico do discurso oral” para que assim os aprendentes passem a desenvolver a aprendizagem de uma LE em caráter mais espontâneo, ou seja, mais real. Permitindo, espontaneamente e com naturalidade, a utilização de outros elementos da oralidade, que não os códigos de sons, palavras e organização sintática.

A fragmentação que direciona a oralidade a outros recursos para a construção do discurso dá aos aprendentes mais possibilidades para o seu desenvolvimento. Assim, “o não saber” pode ser entendido como sinalização para outros caminhos, mesmo as lacunas que fragmentam o discurso direcionam para mecanismos que constroem o significado.

Muda-se, então, a compreensão de puro erro ou do problema de nível de língua pouco desenvolvido, pois as pausas, as buscas por vocabulário, as autocorreções e até os questionamentos para o preenchimento de lacunas são tomados como fatores naturais de uma oralidade espontânea, presentes na LM e, porque não, em LE.

A escolha de documentos com a oralidade pré-formatada torna-se insuficiente, uma vez que o seu desenvolvimento implica muito mais do que a exposição à sonorização. É preciso contemplar os elementos do “caótico”, expondo e motivando a oralidade no ensino-aprendizagem de LE pela utilização dos recursos que podem movimentar o sentido do discurso para a compreensão adequada da mensagem. Sobre tais elementos, ressalta-se a apresentação de Meshonnic ao declarar que

resta à oralidade livrar-se do empirismo tradicional que, acreditando ver nela apenas uma propriedade da voz, a considera através do modelo do signo. Segundo o dualismo do oral e do escrito. Esse dualismo é evidente. Tanto em etnologia quanto em lingüística e na pedagogia das línguas. O estruturalismo o reforçou. [...] A oposição entre o oral e o escrito confunde o oral com o falado. Passar da dualidade oral/escrito para uma partição tripla entre o escrito, o falado e o oral permite reconhecer o oral como um primado do ritmo e da prosódia, com sua semântica própria, organização subjetiva e cultural de um discurso, que pode se realizar tanto no escrito como no falado. Há oralidade em Rabelais e em Joyce. A entonação é um modo da oralidade do falado. A imitação do falado no escrito é distinta do oral. A historicidade da pontuação dos textos é uma questão da oralidade. A tradução está se transformando através do reconhecimento da oralidade (2006, p. 07).

O autor, então, apresenta outros elementos constituintes da oralidade que a colocam em um escalão mais amplo podendo ser relacionados ao que Dolz; Schneuwly (2011, p. 131) apontam como “vocalização”, “instrumento lingüístico para a entonação SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

e a acentuação”, que também é o lugar de expressão do ritmo e da musicalidade, associando-se frequentemente às emoções, à afetividade e ao corpo.

Tais autores, citados acima, ressaltam a importância do ritmo na composição do sentido e que “a produção e a percepção dos acentos e das pausas determinam a produção e a percepção de grupos” (p. 132). A importância do ritmo reverberado pelo corpo, como também destaca Meschonnic, faz com que a significação do discurso seja fortalecida, uma vez que, “o ritmo é uma organização subjetiva do discurso, da ordem do contínuo, não do descontínuo do signo. Neste sentido, ritmicamente, prosodicamente, não há mais, no discurso, dupla articulação da linguagem” (2006, p. 17).

Ao falar em interação e comunicação via corpo em LE, percebe-se uma aproximação com a linguística pragmática, com a sociolinguística interacional, bem como com a linguística do discurso do que com a LA. Entretanto, para situar melhor as análises apresentadas, desloca-se a ideia de dicotomia saussureana entre língua e fala e adota-se, para este trabalho, uma relação não dicotômica entre língua e discurso.

Para Saussure, a língua é o sistema em que tudo se mantém. Ela é social, é constituída de constantes. De seu lado, a fala é ocasional, histórica, individual e constituída de variáveis. De acordo com Orlandi (2006), ao separar língua e fala, separa-se ao mesmo tempo o que é social e o que é histórico. Um discurso visto de tal forma fica condicionado à análise de seu funcionamento, contanto que se observe a relação do que é linguístico com a exterioridade que o determina. No discurso tem-se o social e o histórico indissociados.

Logo, o propósito é compreender primeiramente alguns aspectos da comunicação não verbal – extralingüística – mediados do corpo em LE para, em seguida, relacioná-los com o campo do ensino-aprendizagem de LE; em relação à Psicologia, que estuda a comunicação do corpo segundo o princípio da ressonância

corporal³, o intuito é circular entre tais áreas buscando produzir novos conceitos que iluminem os objetos de estudo e as análises. Para isso, tenta-se contextualizar cada um dos conceitos em sua área de origem, para, em seguida, trazê-los de volta, ressignificados, para o âmbito da reflexão em curso.

Embora a comunicação que se estabelece através da ressonância corporal não seja de ordem verbal, ela produz interação entre os participantes numa troca conversacional. Com essa análise, o corpo cumpriria uma função mais profunda e determinante no nível da comunicação que somente um mero simulacro de carne comandado pela mente.

A comunicação não verbal foi ignorada, durante muito tempo, enquanto componente significativa do fenômeno comunicativo. Trata-se de um campo relativamente inexplorado e pouco sistematizado, o que explica, portanto, as diversas incertezas terminológicas e certas divergências analíticas, conforme afirma Rodrigues (2007). O não verbal inclui os elementos não linguísticos que comunicam alguma coisa no curso de uma interação. Dentre os fatores não verbais mais importantes numa interação, destacam-se: a paralingua, a kinesia e a proxemia, que, segundo Rodrigues, são assim definidas e exemplificadas:

paralingua aponta as qualidades da voz (timbre, altura, entonação, volume, etc.) como vocalizações (risos, suspiros, tosses, etc.). A paralingua não trata do que é dito, mas da forma como alguma coisa é dita. [...] A kinesia, por outro lado, vai se interessar pela relação movimento/fala na interação. Esse campo cobre o estudo dos movimentos do corpo (deslocamentos, gestos), das expressões do rosto (mímicas), do olhar e das posturas durante a troca conversacional. [...] O termo proxemia foi criado por Hall (1971) para

³ De acordo com Rodrigues, trata-se de uma “[...] troca de energia entre os corpos, a energia de um corpo é transformada pela energia de um outro corpo, afetando a própria organização da comunicação. [...] esta organização de comunicação via ressonância corporal acaba interferindo na própria organização discursiva das frases, palavras, tons, gestos, assim como na regulação do espaço e da distância que queremos manter com os nossos interlocutores” (2007, p. 41).

designar o conjunto de teorias relativas ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico (2007, pp. 39-41).

A dimensão gestual (uso do corpo) deve ocupar um lugar importante nas aulas de LE, visto que na cultura humana a gestualidade é abundante. Ignorar a dimensão gestual e os contatos corporais nas atividades pedagógicas seria limitar a interação e admitir a alienação de uma das expressões mais caras ao ser humano: a sua gestualidade. Observa-se que o trabalho desenvolvido por Massaro e Reis sobre o corpo, a voz e os jogos dramáticos possibilitaram aos aprendentes um distanciamento do aspecto formal do ensino-aprendizagem de LE, o que angustiou alguns e divertiu outros. O afastamento levou o aprendente a um novo tipo de relacionamento com a LE, no caso o Francês, através de seus aspectos poéticos e lúdicos. Pela descoberta da entonação, dos gestos, do corpo, o aprendente descobriu, igualmente, que ele possui um corpo significante em LM e também em LE.

Considerações finais

Pode-se concluir que a comunicação deve ser concebida como sistema dinâmico de códigos interdependentes e todo estudo criterioso sobre a comunicação deveria integrar as condutas não verbais dos participantes (professores e aprendentes), no intuito de restituir, juntamente com o plano verbal, o ato comunicativo em sua totalidade. As condutas fazem das práticas orais de Massaro e de Reis – nas atividades teatrais (jogos dramáticos e teatrais) e improvisações sobre textos da dramaturgia contemporânea de expressão francesa – uma fonte de exemplos nos quais o texto teatral, o corpo e a voz possuem um papel de mediadores da apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de LE, levando os aprendentes a situações reais e espontâneas da oralidade em LE.

Ao longo das leituras dos trabalhos de Massaro e Reis é perceptível o fato de que estes professores pesquisadores possuem um percurso reflexivo crítico. Em seus SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

trabalhos demandam envolvimento emocional e cognitivo que, por sua vez, pressupõe atitudes pessoais singulares como mentalidade aberta, que revela a disposição em ouvir opiniões diferentes, desarmados de prejulgamentos ou resistências que impeçam ver uma determinada questão sob outro prisma, conforme já apontavam Dewey (1959), Schön (2000) e Zeichner (1993).

A análise dos dados referentes aos professores metapesquisados e a ratificação desta análise pelos dados documentais (artigos, dissertações de mestrados e teses) permitiram inferir que os aprendentes se tornaram participantes autônomos e motivados em suas produções orais espontâneas ao longo do ensino-aprendizagem de LE, tendo o corpo importância ímpar como mediador do processo de apropriação do oral.

Almeja-se que os resultados aqui obtidos sobre a relação entre o corpo como mediador na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de LE consigam, apesar de ainda restrita a circulação no meio acadêmico, contribuir para o avanço sobre o conhecimento dos intervenientes dessa alternativa pedagógica. Se a contribuição se efetivar, será possível concluir que o nosso empenho ao longo da pesquisa e da elaboração deste artigo está devidamente recompensado.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Revisão da tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: <http://www.josenorberto.com.br/DESCARTES_Discurso_do_m%C3%A9todo_Completo.pdf> acesso em 21 de outubro de 2013.

DEWEY, J. **Como pensamos**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

DOLZ, J.; & SCHNEUWLY, B. (orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3ª ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.
MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MASSARO, P. R. **O silêncio e a voz do texto teatral em francês, língua estrangeira**. Tese de doutorado. 232f. Doutorado em Letras. FFLCH-USP. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/tese-paulo-roberto-massaro-pdf-d60227168>> acesso em 15 de janeiro de 2012.

_____. **Teatro e língua estrangeira, entre teoria(s) e prática(s): percursos entre o vislumbre e o olhar**. Dissertação de mestrado. 207f. Mestrado em Letras. FFLCH-USP. São Paulo, 2001.

_____. **Teatro e língua estrangeira – entre teoria(s) e prática(s)**. São Paulo: Paulistana, 2008.

MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **Linguagem. Ritmo e vida**. Tradução Cristiano Florentino e Sônia Queiroz, Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2006. Disponível em: <<http://jornadagelle.files.wordpress.com/2011/05/meschonnic-linguagemritmo-e-vida.pdf>> Acesso em 27 de outubro de 2013.

ORLANDI, E. N. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2ª ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

_____. **Língua e conhecimento linguístico – para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Discurso e textualidade**. Campinas-SP: Pontes, 2006.

PIERRA, G. **Le corps, la voix, le texte**. Paris: L'Harmattan, 2006.

REIS, M. G. M. **O texto teatral e os jogos dramáticos no ensino de francês língua estrangeira**. Tese de doutorado. 259f. Doutorado em Letras. FFLCH-USP. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-02122008-171004/pt-br.php>> acesso em 10 de novembro de 2011.

_____. “A expressão em cena: afetividade, o corpo, e a voz da LE”. Em MASTRELLA DE ANDRADE, M. R.(org.) **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas: múltiplos olhares**. Campinas-SP: Pontes, vol. 18. 2011.

SILVA, Eduardo Dias da. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira (Francês). Revista Desempenho. n.30, v.1, 2019.

_____.; FERREIRA, A. M. A. **Verbetes oral, oralidade e discurso: análise crítica de dois dicionários didáticos de ensino de língua estrangeira/oral.** Em Revista Signum: Estudos Linguísticos. Londrina-PR, n. 15, vol. 2, dez. 2012.

RODRIGUES, D. A. **Corpo, sujeito e interação na aprendizagem de uma língua estrangeira.** Dissertação de Mestrado. 119f. Mestre em Letras. FFLCH-USP. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-30072008-114501/pt-br.php>> acesso em 12 de setembro de 2013.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TAVARES, C. N. V. **Identidade itine(r)rante: o (des)contínuo (des)apropriar-se da posição de professor de língua estrangeira.** Tese de doutorado. 279f. Doutorado em Linguística Aplicada. IEL/Unicamp. Campinas-SP, 2010. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770827&fd=y>> acesso em 18 de agosto de 2013.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas.** Tradução de A. J. Carmona Teixeira, Maria João de Carvalho e Maria Nóvoa. 3ª ed. Lisboa: Educa, 1993.